

Universidade de São Paulo
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas
Departamento de Letras Modernas
Área de Estudos Linguísticos, Literários e Tradutológicos em Francês

O *Crise de vers* mallarmeano e as traduções brasileiras para a crise

Caroline Pessoa Micaelia, N°. USP: 7614720

Projeto de Iniciação Científica apresentado à
FAPESP (Fundação de amparo à pesquisa do Estado
de São Paulo)

Orientador: Prof. Dr. Álvaro Silveira Faleiros

Agosto

2014

I - RESUMO

Ao leitor brasileiro, acostumado a ler a obra de Stéphane Mallarmé sob os prismas simbolista e concretista, o ensaio *Três Mallarmés: traduções brasileiras* (2012) de Álvaro Faleiros apresenta, através de um panorama da recepção do poeta francês pelos autores brasileiros que o traduziram, o modo pelo qual tem sido construída - neste final do século XX, início do XXI - uma outra perspectiva de leitura acerca desta obra. O que Faleiros chama de "terceiro Mallarmé", analisado precisamente por Marcos Siscar em *Poesia e crise* (2010), configura o resultado de uma reformulação crítica da obra do poeta francês que, indo de encontro ao dito "esgotamento dos projetos de vanguarda", deixa de ser lida como poética de ruptura, de rejeição à vida e à realidade, para ser tratada mais como uma "perturbação da tradição" (2010: 109). A leitura de Siscar, em consonância com as de Henri Meschonnic e de Jacques Rancière, vai pautar o projeto de escrita mallarmeano como "inscrito na história" por meio de uma "sensibilização pela linguagem e na linguagem à miséria da época" (FALEIROS, 2012: 18).

Em meio a recente valorização da prosa crítica de Mallarmé (ano de 1998, comemoração do centenário da morte do poeta), várias traduções desse gênero começam a ser publicadas no Brasil pelos anos subsequentes, entre as quais *Crise de vers* (2003), com sua primeira tradução feita por Ana Alencar e intitulada *Crise do verso* (2007). Segundo as notas da tradutora para a publicação, "o que era poema em prosa ou pesquisa tornou-se poema crítico. Apesar (ou justamente por causa) de suas acrobacias na sintaxe, há curiosamente, toda uma entonação do registro falado nesse texto tão trabalhado" (ALENCAR, 2007: 163). Nas mãos de Ana Alencar, o texto mallarmeano ganha uma tradução que valoriza os recursos poéticos e a sintaxe propostos pelo poeta.

A primeira tradução de *Crise de vers* para o português incorre, no entanto, em um desdobramento significativo não só no que concerne o percurso interpretativo da obra de Mallarmé — e, por consequência, das traduções realizadas pelos autores brasileiros a partir de tal percurso —, mas também do ponto de vista do próprio lugar crítico da "crise". O desdobramento em questão, protagonizado pelas análises de Marcos Siscar em "Poetas à beira de uma crise de versos" (2010), relaciona-se diretamente à tradução do título do texto mallarmeano, do qual "Crise de verso" ou mesmo "Crise de versos" (2010: 107) seriam traduções mais afinadas à proposta do referido ensaio.

Ainda que tal detalhe possa parecer irrelevante, mera variação estilística de preposição, Siscar argumentará que a opção diz respeito diretamente à discussão travada pelo texto: ora, "de" teria ali um sentido mais intrincado pois além da função ativa de genitivo, cumpriria também uma "função passiva de explicitação do *elemento* no qual se dá a crise" (2007: 107), o que significaria dizer que "a crise *de* verso não designa uma interrupção ou um colapso histórico do verso; antes, uma irritação *do* verso, dentro do verso e a propósito dele" (2007: 107). Em última análise, a crise não estaria relacionada à forma verso em si, mas a um estado fundador da poesia, que a caracteriza como lugar de crise.

Algum tempo depois do ensaio de Siscar ser publicado (e pouco tempo depois de sair no livro/compilação de ensaios *Poesia e crise*), veio à tona uma nova tradução do poema crítico mallarmeano, desta vez assinada por Fernando Scheibe e levando o título *Crise de verso* (2010). A diferença no título já configura um indicativo da diferença de leitura do texto mallarmeano. Entretanto, apenas uma análise comparativa detalhada das duas traduções permitirá uma melhor compreensão sobre as propostas tradutórias em jogo, bem como as questões envolvidas na opção por pensar uma "crise *do* verso" em detrimento a uma "crise *de* verso" e vice-versa.

II - INTRODUÇÃO E JUSTIFICATIVA

Introdução

Ao longo de sua obra poética e crítica, o francês Stéphane Mallarmé se debruçou sobre dois dos pontos norteadores deste projeto: os problemas do verso e o permanente estado de crise no qual tais problemas — bem como o verso e a linguagem, eles próprios — estão inseridos. Enveredados pela problemática da linguagem, os escritos de Mallarmé configuram um lugar mais ou menos delimitado (mas nem por isso intransponível) para serem pensadas as questões concernentes ao início de uma tensão relacionada ao verso, levantadas pelos poetas que precederam o simbolismo francês, entre os quais Rimbaud, Verlaine e Laforgue, em meados do século XIX. No capítulo intitulado "Crise de vers" de seu *Le symbolisme* (2004), Jean-Nicolas Illouz analisa o processo através do qual se dá início uma gradual desestabilização da tradição ligada ao verso; uma desestabilização que terá sua culminância num estado de crise permanente, teorizado por Mallarmé em seu *Crise de vers* (1897).

Illouz parte de uma reflexão a respeito de algumas práticas dos três poetas em questão para discutir o processo de "criação" do verso livre, que na França tem seu pontapé inicial com a insuficiência do puro virtuosismo da "arte pela arte", mas também com o trauma político ligado ao massacre da Comuna de Paris, do qual a rejeição ao verso oficial, sob o plano da métrica, teria sido o "contragolpe" (ILLUOZ, 2004: 211). Para ele, estes poetas pré-simbolistas configurariam a "série de ataques contra o verso que abalam as concepções

tradicionais da poesia e prefiguram a invenção do verso livre"¹: Rimbaud, experimentando outras possibilidades métricas no interior do verso; Verlaine, alargando a "disciplina do verso" (ILLOUZ, 2004: 215), por meio da criação de versos de 14 sílabas, por exemplo, sem a utilização de uma cesura anteriormente regrada pela tradição; e Laforgue, utilizando uma métrica aleatória, em que a regra conta menos que o ritmo criado pela, por assim dizer, "voz viva" (ILLOUZ, 2004: 218) no verso.

Como assinala Illouz ao longo de sua obra, num contexto teórico em que se fazia a defesa de uma "ideia musical" de poesia, o verso livre simbolista foi concebido exatamente como "musical", chegando até a criar paralelos com o wagnerismo em voga na época, na medida em que a melodia contínua de Wagner, suprimindo a restrição do velho fraseado dos músicos clássicos, inspiraria diretamente a busca de um novo fraseado, que pudesse liberar o verso da lei do número, dotando-o de poderes de expansão e de contração inéditos até aquele momento. Uma vez que o verso não se associava mais unicamente à convenção do número, a noção de ritmo — fundamental à definição de verso — reconfigurava-se, de modo que na ausência das convenções exteriores, a medida do verso passaria por um cálculo sensível das sílabas tônicas que efetivamente ritmam a fala e sublinham, na matéria sonora do poema, o jogo das aliterações e assonâncias. Uma tal concepção revelava as principais inovações do verso livre: o primado do qualitativo sobre o quantitativo; o ritmo menos ligado a uma duração objetiva do que a um enraizamento na duração subjetiva que contém a enunciação do poema.

Nesse paradigma, Mallarmé coloca-se numa posição de "testemunha da aventura" (MALLARMÉ, 2003) empreendida pelo verso livre simbolista; aventura da qual toma uma distância de observador, permitindo que a "crise" revele seu sentido e seu âmbito. E a

¹ "série des attaques contre le vers qui ébranlent les conceptions traditionnelles de la poésie et préfigurent l'invention du vers libre"(ILLOUZ, 2004: 209)

observação dessa crise proporcionará não somente uma proposta de diagnóstico a respeito do *estado de crise* no qual o verso livre lança as concepções tradicionais da poesia, mas também a formulação de uma teoria crítica do verso, da qual a modernidade excederia em muito o momento próprio do simbolismo. *Crise de vers*, este texto diagnóstico da crise e teorizador do verso, vai tratar dessa irritação conflituosa dentro do próprio verso, evidenciada com a morte de Victor Hugo² — ou com aquilo que ela simbolizava: o fim de um ciclo histórico do verso, uma espécie de libertação ou reconquista do que havia sido interdito pela autoridade de um único grande poeta: a possibilidade, não somente de se expressar, mas de se modular.

No Brasil, a tradução do texto mallarmeano para o português veio acompanhada de duas discussões importantes para a recepção da obra do poeta: a problemática em torno do título dado por Ana Alencar à primeira tradução brasileira do referido poema-crítico ("Crise do verso") e as novas abordagens através das quais diversos teóricos pelo mundo passaram a tratar a obra de Mallarmé. A primeira discussão, elaborada por Marcos Siscar em "Poetas à beira de uma crise de versos" (2010), confronta a opção tradutória de Ana Alencar para *Crise de vers* com opções como "Crise de verso" ou "Crise de versos" que, de seu ponto de vista, estariam mais alinhadas à proposta do ensaio e às novas abordagens teóricas em evidência. Partindo de uma leitura minuciosa do texto mallarmeano, Siscar discorda de que "Crise do verso" seja um título convergente com as proposições do poeta porque, para o teórico, Mallarmé não acreditava que a crise fosse um indício do fim do verso, mas uma perturbação dentro do próprio verso da tradição, que ao mesmo tempo que desautomatiza as formas fixas — em especial, o alexandrino —, também liberta ou faz com que sejam reconquistadas as modulações, a possibilidade de se modular, de modular o poema de acordo com um ritmo

² Para Mallarmé, Victor Hugo teria concentrado todo tipo de formas de expressão no verso, ele era o verso em pessoa, de modo que acabou por confiscar, de todos os que pensassem discorressem ou narrassem, o direito de se enunciar: "Hugo, dans sa tâche mystérieuse, rabattit toute la prose, philosophie, éloquence, histoire au vers, et, comme il était le vers personnellement, il confisqua chez qui pense, discours ou narre, presque le droit à s'énoncer." (MALLARMÉ, 2003)

próprio retido no corpo de cada um, desde que com habilidade. Para Siscar, a crise estaria antes relacionada a um estado fundador da poesia do que a um colapso da forma — preocupação tida em conta quando pouco tempo depois da primeira tradução de *Crise de vers*, Fernando Scheibe publica a segunda, intitulada, bem ao gosto de Siscar, "Crise de verso".

A outra discussão relevante para a recepção da obra de Mallarmé é caracterizada pelo desenvolvimento de um novo paradigma crítico internacional a partir do qual sua obra passaria a ser estudada: uma mudança de percepção que teria gerado um outro movimento no trajeto interpretativo percorrido até então. Álvaro Faleiros (2012: 18) levantará a existência de duas alterações significativas que reconfigurariam a recepção da obra do poeta, dividindo-a em três momentos: um "Mallarmé simbolista", um "Mallarmé moderno" e um "Mallarmé atual", mais "inscrito na história". Ao novo contexto de leituras internacionais alinhar-se-ia este "terceiro Mallarmé" (2012: 26). E nesse sentido, é preciso salientar que a abordagem utilizada para a análise do corpo deste trabalho, tomando como base os escritos de Henri Meschonnic, Marcos Siscar e Jacques Rancière, tem como pressuposto esta última realocação crítica da obra mallarmeana e de sua recepção brasileira.

Para Meschonnic, se concebermos o ritmo de uma maneira em que ele não seja reduzido ao sonoro, ao fônico, à esfera oral, mas engajado de um imaginário respiratório que diz respeito ao corpo vivo inteiro, com sua história, o Mallarmé considerado o extremo do escrito, a própria negação do sujeito e da voz juntos, daria lugar a um outro Mallarmé, "das palavras corriqueiras, do sujeito e da oralidade" (2006: 18). Segundo Meschonnic, "o ritmo é um movimento da voz na escritura" (2006: 43), de modo que "com ele, não se ouve o som, mas o sujeito." (2006: 43). E Mallarmé teria notado exatamente isso, a "entonação", uma ligação entre tipografia e dicção, que faria da tipografia uma "diction écrite" (MALLARMÉ, 1998: 53) e da fala um ato de individualização acerca da língua. Marcos Siscar, em consonância

com a teoria de Meschonnic, colocará que Mallarmé não é somente um poeta hermético, que oculta ou cifra os significados (como queriam as vanguardas do início do século XX), tampouco um poeta experimental (como queriam as de meados do século). Parte da estranheza que foi atribuída a ele está relacionada a uma posição conciliadora, na qual ele efetua um rico diálogo com a tradição ao mesmo tempo que dá respostas ao seu contemporâneo. Para Siscar (2010: 123):

... esse deslocamento crítico na leitura do poeta, reforçado pelo conhecimento mais afinado do projeto autoral e daquilo que está em jogo nesse projeto, encontra apoio nas inquietações de nossa época quanto ao sentido da história literária e da própria poesia, expostas àquilo que se interpreta como a ameaça de esvaziamento do espaço político e a patrimonialização da cultura.

Rancière, por sua vez, analisando a estética de Mallarmé sob pressupostos políticos e históricos, pretende resgatá-lo das abordagens que se referem a ele a partir dos espectros do experimentalismo, do hermetismo místico e do conservadorismo político, e trazer à tona o Mallarmé de uma poética que lida com certa abstração imaginativa e musical sem que esta se torne mais importante — *le héros nacional* (1996: 75) — do que uma política revolucionária de justiça que interfira efetivamente no curso da história. O Mallarmé encontrado na leitura de Rancière é um Mallarmé historicizado, em sintonia com a problemática das transformações sociais, orquestrador da fragmentação para uma reconstrução do imaginário.

Estudar os projetos tradutórios envolvidos nas traduções brasileiras do *Crise de vers* mallarmeano levando em consideração este aparato teórico é produtivo na medida em que, apesar de ambas as traduções terem sido publicadas sob um mesmo contexto crítico e com pouca distância temporal entre si, elas ainda assim apresentam projetos distintos, que indicam, por sua vez, duas leituras muito díspares do mesmo texto, sugeridas logo pelo título utilizado

em cada uma. Ora, se "não há obra de tradução sem um gesto que vá no sentido do entendimento de seu objeto" (2010: 119), como diz Marcos Siscar, essa clara disparidade entre projetos tradutórios apontaria muito mais para duas formas diferentes de ler Mallarmé do que para uma simples opção por diferentes soluções de título.

Partindo de tal perspectiva, faz-se curioso pensar que Ana Alencar, mesmo depois de conversas com Marcos Siscar, segue mantendo sua opção de título — o que poderia nos levar a pensar que, diante disso, longe de ter feito uma escolha puramente estilística, o caminho optado pela tradutora foi precisamente calculado. E assim sendo, cabe um questionamento a respeito do elemento que poderia estar por trás da escolha de Alencar e, por consequência, de seu projeto tradutório, como um todo. De outro modo: o que significaria, em meio a esse contexto teórico específico, optar por um título em detrimento a outro? Qual a relevância de termos dois projetos tradutórios tão diferentes inscritos na mesma época e sob o mesmo contexto teórico, duas abordagens tão díspares a respeito do mesmo poeta e sob o mesmo paradigma? Como pensar uma crise *do* verso em meio a um contexto crítico tão voltado para a discussão de uma crise *de* verso?

Este projeto visa, portanto, elaborar respostas para estas indagações por meio de uma análise comparativa das traduções em questão, na tentativa de pensar os desdobramentos que cada tradução apresenta no que diz respeito ao curso interpretativo que tem acompanhado a recepção da obra de Mallarmé. Em conjunto com isso, fazer um estudo do diálogo entre Marcos Siscar e Ana Alencar, responsáveis por fazer com que, mesmo após debates, esta optasse por uma tradução de título que aquele terminaria por problematizar. Para isto, serão centrados esforços no sentido de destacar as particularidades de cada versão do texto mallarmeano, apontando alternativas de tradução, se for o caso; bem como investigar a argumentação proposta por Alencar a Siscar, que justificaria o título escolhido pela tradutora.

A partir da análise individual de cada tradução, será feita uma tentativa de articulá-las, ressaltando as convergências e divergências entre ambas, destacando aspectos formais e críticos que possam ajudar na compreensão das semelhanças e diferenças entre elas, de modo que a comparação contribua para a investigação a respeito do texto de Alencar.

Justificativa

Uma das principais justificativas para a realização desta pesquisa reside na carência de estudos brasileiros voltados para esse novo momento interpretativo, salvo pelas traduções e retraduições mais recentes da obra do poeta, entre as quais a de "Salut" (1988), por Ana Cristina Cesar. Dentro desse quadro podem ser encontrados, por exemplo, trabalhos como o de Joaquim Brasil Fontes (*Os anos de exílio do jovem Mallarmé*, 2007), que reúne textos de diversas fases da vida do poeta, apresentando-os em contexto, ou seja, acompanhado de trechos de cartas e informações bibliográficas.

Em maior afinidade com o que é proposto neste projeto, há o já reiteradamente citado trabalho de Marcos Siscar, encontrado tanto em *Poesia e crise* (2010) como em *Da soberba da poesia* (2012), no qual o teórico, negando "o gesto que dá por encerrada a narrativa histórica das obras do passado, desejo inclusive mais enfático no caso de obras que tiveram peso nos debates recentes" (2010: 121), pretende reposicionar Mallarmé no campo literário, deslocando-o para um campo poético expandido, que pressupõe haver verso onde houver dicção.

Outro argumento significativo para a realização dessa pesquisa encontra-se no fato de o concretismo ser parte da tradição literária brasileira enquanto movimento poético e, mais fundamentalmente, enquanto poética do traduzir. É pertinente que se estude as problemáticas

envolvidas em soluções como "crise *do* verso" e "crise *de* verso" — e os projetos tradutórios que englobam cada opção — precisamente porque, partindo do pressuposto de que uma dessas soluções aponta mais para o verso enquanto forma, pode ser que ela esteja também associada à prática concretista de soluções poeticamente "válidas" em português, pautada pela busca da criatividade na escolha de recursos expressivos. E esta seria uma ideia — uma das hipóteses apresentadas nesse trabalho para a discussão do problema — muito curiosa tendo em vista o referido contexto crítico de leitura da obra de Mallarmé, no qual essa tradução está inserida.

Embora Stéphane Mallarmé seja um poeta já devidamente localizado no cânone da literatura mundial e, por consequência, muito contemplado pela academia, o deslocamento crítico de sua obra revela a necessidade de trazer à tona as partes que colocam problemas e de admitir é preciso rever parâmetros inadequados em relação às leituras de sua obra, a profunda necessidade de perceber que a narrativa histórica das obras do passado não se encontra encerrada, muito menos em se tratando de uma obra com peso para os debates contemporâneos. O desejo deste projeto é, dessa maneira, não só contribuir para o enriquecimento da fortuna crítica sobre esse novo Mallarmé, mas também enfatizar a necessidade de continuar pensando essa obra, procurando estudá-la por meio de um viés teórico interdisciplinar, que inclua áreas do conhecimento nas quais a poética do autor já foi abordada, como história e filosofia, por exemplo.

III - SÍNTESE DA BIBLIOGRAFIA FUNDAMENTAL

A bibliografia de apoio para este projeto pode ser dividida em três grupos: as obras que tratam da poética de Stéphane Mallarmé; as que são voltadas a tópicos de tradução; e as que fazem referência, especificamente, ao *Crise de vers*.

No primeiro grupo, concentram-se as leituras diretamente relacionadas às novas abordagens da obra mallarmeana, tomando como base a teoria do ritmo, de Henri Meschonnic, exposta em *Linguagem, ritmo e vida*, bem como a abordagem histórico-filosófica de Jacques Rancière em *Mallarmé: la politique de la sirène*. Serão considerados também o trabalho biográfico realizado por Joaquim Brasil Fontes em *Os anos de exílio do jovem Mallarmé*, assim como a análise empreendida por Marcos Siscar em *Da soberba da poesia*.

No que diz respeito às obras relacionadas a tópicos de tradução, localiza-se o trabalho de Ana Cristina Cesar em *Escritos da Inglaterra*, em que a poeta, crítica e tradutora faz uma das primeiras leituras de recepção do "terceiro Mallarmé". Em conjunto com o trabalho de Ana Cristina, encontra-se o panorama da recepção brasileira da obra de Mallarmé, elaborado por Álvaro Faleiros em seu *Três Mallarmés: traduções brasileiras*. Acompanhando estes dois estudos, tem-se um texto do *Poesia e crise*, de Marcos Siscar, intitulado "Traduzir Mallarmé é o lance de dados".

Por fim, quanto às obras referentes ao *Crise de vers* em específico, será importante consultar o trabalho realizado por Marcos Siscar em *Poesia e Crise* e a análise do momento simbolista francês proposta por Jean-Nicolas Illouz em *Le Symbolisme*.

De tal forma, a pesquisa será fundamentada partindo de um olhar geral sobre as questões que norteiam o projeto, que será gradativamente especificado a partir de análises de cada tradução e de uma comparação entre elas.³

IV - OBJETIVOS

Gerais

Entender as problemáticas envolvidas nos projetos tradutórios de cada uma das duas traduções brasileiras para o *Crise de vers* de Stéphane Mallarmé.

Específicos

- 1) Fazer uma análise de cada uma das duas traduções, apontando soluções tradutórias alternativas, se for o caso;
- 2) Comparar as traduções, tendo em mente o contexto teórico no qual ambas foram produzidas;
- 3) Entender a argumentação dada por Ana Alencar a Marcos Siscar, que justifica o título escolhido pela tradutora;
- 4) Discutir a relevância da opção por um projeto tradutório em detrimento do outro, bem como o significado dessa escolha para o contexto da obra mallarmeana e para o contexto das poéticas do traduzir brasileiras.

³ As demais referências bibliográficas estão arroladas no Item VIII - Bibliografia.

V - PLANO DE TRABALHO

Tendo como pressuposto teórico o reconhecimento de que o sentimento de crise deve, desde a modernidade, ser tido como um traço característico do discurso literário, como invólucro da própria identidade do discurso poético, este trabalho de pesquisa buscará confrontar, por meio da leitura comparativa entre os dois objetos, os elementos que demonstrem a maneira pela qual tais objetos se encontram inseridos nesta recente chave interpretativa das análises que tocam o poeta francês — a qual Álvaro Faleiros chamará "terceiro Mallarmé". Buscará, portanto, realizar uma leitura que não perca de vista o movimento através do qual a tensão do discurso de Mallarmé tem sido compreendida: de uma perspectiva que proponha um encontro entre teoria poética, história social e filosofia da cultura.

VI - CRONOGRAMA DE EXECUÇÃO

Atividades/ Meses	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12
Delimitação do <i>corpus</i> e leitura da obra completa do autor	X	X										
Revisão da fortuna crítica	X	X	X	X								
Estudo de fundamentação teórica	X	X	X	X	X	X						
Análise de cada tradução brasileira, análise-comparativa entre as traduções e elaboração de relatório parcial			X	X	X	X	X	X	X			
Sistematização das análises							X	X	X	X		
Redação de artigo para apresentação							X	X	X	X	X	
Elaboração de relatório final									X	X	X	X

VII - MATERIAIS E MÉTODOS

O objeto deste projeto é o poema crítico *Crise de vers*, de Stéphane Mallarmé, em conjunto com as traduções de Ana Alencar e Fernando Scheibe. O método de análise será pautado numa leitura analítico-comparativa de ambas as versões brasileiras do texto mallarmeano, focalizando as respectivas soluções tradutórias utilizadas por cada autor, assim como o projeto envolvido em cada tradução, para em seguida, questionar até que ponto o contexto crítico sob o qual foram produzidas diz algo sobre a constituição de tais projetos.

Os recursos de apoio para esta análise são as obras críticas que versam sobre a poética de Mallarmé e as referências teóricas ao novo momento interpretativo da obra do poeta e às práticas tradutórias da tradição brasileira.

VIII - BIBLIOGRAFIA

ALENCAR, Ana. "Crise do verso". In: *Inimigo Rumor*, n.20. Rio de Janeiro: 7Letras, 2008.

BENJAMIN, Walter. *A tarefa do tradutor, de Walter Benjamin: quatro traduções para o português*, org. Lucia Castello Branco. Belo Horizonte: Fale/UFMG, 2008

CAMPOS, Augusto de, CAMPOS, Haroldo de, PIGNATARI, Décio. *Mallarmé*. São Paulo: Perspectiva, 2013.

CAMPOS, Haroldo de. *Transcrição*, org. Marcelo Tápia e Thelma Médici Nóbrega. São Paulo: Perspectiva, 2013.

CESAR, Ana Cristina. *Escritos da Inglaterra*. São Paulo: Brasiliense, 1988.

DERRIDA, Jacques. *Séminaire: la bête et le souverain*. Paris: Éditions Galilée, 2008.

_____. "La dissémination". In: *La dissémination*. Paris: Éditions du seuil, 1972.

FALEIROS, A. S. *Traduzir o poema*. SP: Ateliê Editorial, 2012.

_____. "Três mallarmés: traduções brasileiras". In: *Aletria* (UFMG), v. 22, p. 17-31, 2012.

FONTES, Joaquim Brasil. *Os anos de exílio do jovem Mallarmé*. SP: Ateliê Editorial, 2007.

FOWLIE, Wallace. *Mallarmé*. Chigago: University of Chicago Press, 1969.

ILOUZ, Jean-Nicolas. *Le symbolisme*. Paris: Librairie Générale Française, 2004.

MALLARMÉ, Stéphane. "Crise de vers". In: *Igitur ; Divagations ; Un coup de dés*.

Gallimard, 2003.

_____. "Crise de verso". In: *Divagações*, trad. Fernando Scheibe.

Florianópolis: Editora da UFSC, 2010.

_____. "Mallarmé au-delà du silence". In: *Écrits sur le Livre*, org. Henri

Meschonnic. Eclat, 1998.

_____. *Oeuvres Complètes*, org. par Bertrand Marchal. Vol. 1 e 2. Paris: Gallimard, Bibliothèque de la Pléiade, 1998 e 2003.

MESCHONNIC, Henri. *Linguagem, ritmo e vida*. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2006.

PEYRE, Henri. *A literatura simbolista*. São Paulo: Cultrix-Edusp, 1983.

RANCIÈRE, Jacques. *Mallarmé: la politique de la sirène*. Hachette Littératures, 1996.

SISCAR, Marcos. *Da soberba da poesia*. Campinas: Lumme Editor, 2012.

_____. *Poesia e crise*. Campinas: Editora da Unicamp, 2010.